

## O itinerário entre o indivíduo e a associação

É pela mão de amigos, familiares e professores que a maior parte das pessoas se associam. A influência da família na decisão de se associar é muito nítida no C. E. de Moldes. Atentemos nas palavras de um entrevistado:

“E tem outra coisa. Os meus filhos estão um bocado ligados ao Rancho porquê? Porque eu motivo-os. Os pais também têm de motivar. Quem me dera encaminhá-los neste caminho, é um bom caminho que eu vejo. Pelo menos este (e aponta para um dos filhos), é uma alegria para ele. Já o mais velho gosta, mas não tem aquela tendência. Mas eu tento motivá-los sempre para estas coisas. Os pais é que têm, por vezes, de motivar muito as crianças. Hoje eles extraviam-se com uma facilidade tremenda e depois já não ligam nada. Eu recordo-me que quando vim para o grupo já tinha 24 anos e o primeiro ano não me disse nada, pois era dançar e eu também já dançava nos bailes e onde calhava. Mas depois, através de conversas que eu ia ouvindo, isto era qualquer coisa, eram raízes muito fundas e aí comecei a enquadrar dentro de mim o que era o *Rancho*, as raízes que eram dos meus bisavôs”.

A família e o *Rancho* interligam-se, este é um prolongamento daquela, reforça a memória colectiva e, ao mesmo tempo, assegura e reproduz a normalidade.

De acordo com os dados do inquérito 37% dos inquiridos aderiram através de familiares e 27% foram propostos por amigos, no conjunto perfaz 64% do total. A observação no terreno confirma estes dados: por exemplo, no *Rancho* há, entre músicos, dançadores e aprendizes, famílias do avô às netas. Além disso persistem, também, as relações de alianças e de afinidade: os compadres; os padrinhos e os afillhados. Para isto contribui, sem dúvida, a longevidade da associação (60 anos em 2005), mas reflecte aquilo que Moisés Espírito do Santo (1999) define por resistência da cultura rural. A forte presença feminina, há um equilíbrio entre os géneros na composição da associação é um sinal da presença da família. Ainda hoje é raro uma rapariga ir para ao *Rancho* sozinha; o pai, a mãe, o irmão ou até o namorado (pouco comum) é que a levam, e vigiam. Na mesma entrevista colectiva registamos:

“Fui dançar o *Vira* de socos e depois o Albaninho Ferreira e o professor Miranda pediram ao Alcides para pedir à minha mãe. A minha mãe não me deixou vir; depois pediram ao meu padrinho que é o pai do Júlio, o Sr. António Pelote, e ele chegou a casa da minha mãe e disse: “A Palmira vai mais eu” e veio comigo até ao ensaio. Depois até começou a cantar no *Rancho*, ele já tocava o *Vira Valseado* em Fuste (*lugar da freguesia de Moldes*). Até que eu saí e ele ficou. Depois voltei.”

Do mesmo modo, o círculo de amigos, em particular nos mais velhos, está confinado, regra geral, a um território que coincide com a freguesia; os jovens, por causa da escola, cedo vão estudar para a vila e fazem amizades com colegas de outras freguesias. No entanto, quanto menor foi o período de escolarização, mais o grupo de amigos se limita à vizinhança (no lugar e freguesia). O núcleo duro do C. E. de Moldes (os mais empenhados) é constituído quase exclusivamente por pessoas da freguesia de Moldes e que mantêm relações de amizade há muitos anos. A esmagadora maioria dos associados vivem ou são oriundos da freguesia de Moldes ou são amigos de pessoas de Moldes. As relações sociais entre os associados são de proximidade, no Rancho todos se conhecem, e há um contacto físico frequente. Mesmo os associados que residem fora de Moldes têm ligação à freguesia. A razão de ser do *Rancho* e da associação, a música e a dança popular tradicional, alimenta essa ligação. “As nossas danças; as nossas músicas”; “A nossa cultura”, são expressões muito repetidas, quer em conversas informais, quer nos discursos oficiais. São poucos os associados que, antes de aderirem, não tinham laços com a freguesia e seus habitantes: nos últimos anos, graças à presença regular de grupos estrangeiros no festival de folclore organizado pelo C. E. de Moldes, algumas pessoas, a maioria jovens, aderiram à associação. O facto de 1 em cada 3 inquiridos declararem ter sido autopropostos pode não significar autonomia individual, uma vez que a questão fazia referência expressa à associação e esta constitui-se a partir do C. E. de Moldes, preexistente como grupo com algum nível de organização. Em 1986, data da escritura da associação, passou a haver, formalmente, associados, os quais já faziam parte do grupo, na sua maioria.

A freguesia ainda é a mais significativa base de recrutamento de associados e representa a sobrevivência de formas de socialização próprias da comunidade rural. As relações sociais denotam um acentuado pendor gregário, o individual dilui-se no grupo, numa variante de família alargada. A esta força que empurra para o interior responde o movimento em direcção ao exterior, inerente à razão de ser do próprio grupo. A começar pelo contexto e forma como surgiu, até ao seu âmbito de intervenção, a interacção com o exterior tem sido uma constante e, nesse sentido, o local torna-se progressivamente “um espaço fluído e relacional”, como referem Anico e Peralta (2004; 7.). O grupo surge na sequência da criação da Feira das Colheitas em 1944, cujo programa incluía um Festival de Folclore de Arouca. Segundo o testemunho do seu principal obreiro, António Almeida Brandão (1998; 115-118.) este certame tinha como objectivos fomentar a actividade agrícola e recuperar as tradições culturais. Nesse ano participaram 6 *Ranchos*: 5 em representação de freguesias, criados propositadamente para esse evento (freguesias de Canelas; Chave; Moldes; Rôssas e Stª Eulália) e o *Rancho* do Merujal, o único que já existia. O autor refere que a Feira das Colheitas foi uma iniciativa do Grémio da Lavoura de Arouca em colaboração com a Câmara Municipal de Arouca e outras entidades, entre elas a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, integrada numa política nacional: o aumento da produção agrícola. (1998; 113-114.). O Estado, pela via das políticas nacionais de carácter económico e cultural, na tentativa de produzir uma identidade nacional, incorpora tradições populares, o fado e o folclore, como rejeição à influência universalista das sociedades industrializadas do centro da Europa (ideia do integralismo lusitano que vem do séc. XIX, muito do agrado de Teófilo Braga), estimulou o reforço da ancestral comunidade rural que se confunde com a freguesia. Esta relação com o exterior não tem sido pacífica e nem sempre é assumida pelo grupo e seus dirigentes. A este propósito um dos mais antigos dirigentes do C. E. de Moldes afirma:

“Vamos lá ver o contexto em que isto nasceu, em que isto se deu. Havia, como nós sabemos o domínio do Estado Novo, mas contrariamente àquilo que lhe disseram, que estudou, havia um alheamento total do Governo, do poder central relativamente às populações, sobretudo rurais. Então, em Portugal, enxameavam os pardieiros, a lavoura abandonada. Não se esqueça que isto foi no final da 2ª *grande guerra mundial*. E entretanto houve um homem aqui em Arouca, nunca me canso de dizer isto, embora isto doa a alguém ou a alguns, mas é a verdade pura, nua e crua, que dava pelo nome de Almeida Brandão e que decidiu fazer a *Feira das Colheitas*, a festa do lavrador. Instituiu prémios para o melhor gado, para a melhor seara, para a melhor fruta, etc, etc. E isto para quê? Para incentivar os lavradores, que não viam nenhum futuro à sua frente, não tinham nenhum apoio. E a Feira das Colheitas transformou-se numa das maiores, senão a maior, festa do distrito de Aveiro”.

Mais adiante ao esclarecer o papel de pessoas como Virgílio Pereira, que não eram de Arouca, em relação ao C. E. de Moldes, os dois entrevistados referem:

“N- Vergílio Pereira esteve em Arouca em 1954” e “ não tem nada a haver com o *Grupo de Moldes*.”

M- Virgílio Pereira foi até quem sugeriu o nome de *Conjunto Etnográfico de Moldes*.

N- Mas o Vergílio Pereira veio recolher o *Cancioneiro de Arouca* (1959), que não tinha nada a haver com o *Rancho*.”

E, mais à frente, M recorda:

“O problema do Vergílio Pereira é tão só e simplesmente este: ele foi pago pela Junta Distrital do Porto (*Junta de Província de Douro Litoral*, sublinhado nosso) para fazer a recolha dos cânticos que se faziam. Começou em Cinfães e recolheu seis espécies em Cinfães. E chegou aqui e encontrou esses corais mais trezentas e tal espécies. Bom, e depois; então, é que se encontrou com o *Rancho de Moldes*.”

E, o mesmo entrevistado conclui:

“Só depois disso recolhido é que nós fomos na esteira, cantar os *Cramóis*.”

Daqui se depreende a existência, desde o princípio, de interacção do grupo com o exterior da freguesia (concelho, região, país, numa primeira fase, e que se estende ao global por via do Festival Internacional de Folclore de Arouca, em especial a partir de 1999, quando os grupos estrangeiros começam a permanecer alguns dias em Arouca, sendo o C. E. de Moldes o anfitrião). Inclusive, a designação do grupo, a partir de dada altura, como sugestão de alguém

que chega do exterior (Vergílio Pereira) reafirma a pertença a um território para lá da freguesia, o concelho: *Conjunto Etnográfico de Moldes de Danças e Corais Arouquenses*. Antes era *Rancho de Moldes*. Esta alteração de nomenclatura traduz, também, uma reapropriação patrimonial, os *Cramóis*, cuja recolha etnográfica esteve a cargo de eruditos estranhos ao grupo e que, assim, adquiriram valor simbólico (até à sua valorização por Vergílio Pereira faziam parte do quotidiano, não eram tradição, “já se cantavam por aí mas ninguém ligava nada”, como refere M na citada entrevista). Em paralelo, a mudança de nome do grupo visa afirmar o seu posicionamento face a grupos similares das outras freguesias, no sentido em que representa uma região (ao contrário dos outros que reclamam a pertença a uma freguesia ou, até, um lugar ou aldeia de uma freguesia). A capacidade de absorver e reprocessar influências exteriores (recebidas através das actuações por todo o país e estrangeiro; da colaboração com investigadores da área da etnomusicologia, agentes da cultura dominante; do contacto directo com estrangeiros, nos últimos 5 anos, ou, por via da música, com outras realidades culturais), ao mesmo tempo que afirma e divulga, para lá do seu território inicial (a freguesia), elementos da cultura local (de matriz rural), vai abrindo espaço à mudança de mentalidades de uma forma lenta mas progressiva.

A UrtiArda surge em 1999 como resultado de um ténue movimento ambiental de raiz popular, na freguesia de Rôssas, por causa do traçado de uma nova estrada nacional nessa freguesia. Tal como Fidélis e Figueiredo constataram (2003; 169), também, neste caso, os populares recorreram ao Estado (administração central e local) aquando dos protestos. Ao tomarem consciência de que pouco ou nada serviam as suas reclamações os indivíduos mais activos fundaram a associação. A freguesia é, pois, o epicentro do grupo, o espaço físico da acção do grupo. O âmbito de actuação da UrtiArda é na área ambiental e está direccionada para o património natural (o rio Urtigosa, em particular) da freguesia. No entanto não se confina a esse território, em parte devido à sua área de acção.

O peso da influência da família na decisão de aderir ao grupo, de acordo os resultados do inquérito aos associados, é muito menor ao revelado pelos associados do C. E. de Moldes. Só 12,8% dos inquiridos afirmam ter sido propostos por alguém da família. Por outro lado verifica-se um grande desequilíbrio entre sexos, há muito mais homens do que mulheres no conjunto de associados. Podemos dizer que é uma associação tendencialmente masculina. Os resultados do inquérito mostram, também, que a maior parte dos associados não vive na freguesia de Rôssas: cerca de metade habita na vila ou numa outra freguesia de Arouca. A família e a freguesia não são a base de recrutamento de associados. O grupo não é uma extensão destas unidades sociais. A freguesia tem, no entanto, uma posição central pois é na freguesia que se desenvolve o grosso da intervenção da associação. “Contribuir para a limpeza e repovoamento do rio Urtigosa” é o motivo de adesão para um terço dos inquiridos (29,5%). No entanto os associados pretendem estender a acção a outros locais. Num total de oito (8) inquiridos que declaram ter críticas a fazer à associação, três (3) referem que se deve “alargar a intervenção a outros rios”; de vinte e nove (29) inquiridos que fazem sugestões para o futuro da associação, quatro (4) manifestam o desejo de “alargar o âmbito das actividades”. Ao longo da pesquisa registamos ser vulgar as pessoas canalizarem para a associação as denúncias e protestos relacionados com problemas ambientais, a nível concelhio. O ambiente é, aparentemente, assunto que interessa às pessoas. Ao ouvir falar os associados constatamos a existência de um discurso fluído sobre um conjunto de preocupações ambientais partilhadas por todos. As questões do ambiente mobilizam os cidadãos, no meio rural essa mobilização aumenta quando os problemas ou intervenções são locais. O facto de a UrtiArda centrar, de início, a sua intervenção no rio Urtigosa (que terá cerca de 20 km de extensão), a predisposição das pessoas para com as questões ambientais e, mais tarde, a popularidade da pesca desportiva em águas fluviais, explicam que um terço dos inquiridos (29,5%) não tenha sido proposto por ninguém. A nossa experiência como associado permite que afirmemos que a maioria dos associados aderiu devido ao trabalho efectuado no rio Urtigosa ao longo destes anos e a uma divulgação eficaz desse trabalho. Na acta nº 2 de reunião de Direcção de 08/10/1999 há registo de 46 associados, dos quais 6 são fundadores. Na acta nº 4, 21/06/2000, o último associado registado tem o nº 81, todos os que entraram tinham participado na limpeza do rio Urtigosa no dia 10 desse mês. A acta nº 26, 12/03/2004, regista a entrada de 38 novos associados (do nº 164 ao nº

201); a concessão de pesca desportiva abriria no dia 15 desse mesmo mês. É o rio Urtigosa que leva as pessoas à associação, mesmo quando são os amigos ou os professores que lhes mostram esse mesmo rio.

Os associados chegam a vir de longe, por exemplo de Braga. E, talvez por isso, um dos titulares dos Órgãos Sociais reside noutra concelho (Oliveira de Azeméis).

### **Os motivos invocados para a adesão**

#### **C. E. DE MOLDES**

A maioria dos inquiridos referem o desejo de participar na defesa do património natural e cultural (43,6%) e o interesse pela música tradicional da região (33,3%), nestes podemos incluir os que aderiram para participar no Festival Internacional de Folclore de Arouca (3,8%), evento promovido pela associação e com forte visibilidade local. 10,3% aderiram para conviverem com outras pessoas. Há 9% dos inquiridos que aderiram sem nenhum motivo em especial.

#### **URTIARDA**

Participar na defesa do património natural e cultural (52,6%) e contribuir para a limpeza e repovoamento do rio Urtigosa (29,5%) são os motivos para adesão mais invocados. 1,3% aderiram por ser uma associação ambientalista e o mesmo valor aparece no grupo dos que se associaram por considerarem ser a UrtiArda uma associação com interesse para Arouca. Os que o fizeram para conviverem com outras pessoas representam 9% do total, valor semelhante ao verificado no C. E. de Moldes. Poder pescar na concessão de pesca desportiva do rio Urtigosa motivou a adesão de 3,8% dos inquiridos. Só 2,6% se associaram sem terem nenhum motivo especial.

Grande parte dos inquiridos declaram pertencer a outras associações: C. E. de Moldes (48,7%); UrtiArda (55,1%). No caso do C. E. de Moldes são associações da freguesia (52,6%) ou do concelho (28,9%) as preferidas. O mesmo se passa na UrtiArda: da freguesia (25,6%); do concelho (32,6%).

## Participação

### I – O que nos diz o questionário

#### C. E. DE MOLDES

89,7% dos inquiridos já participaram nas actividades da associação, a maioria como utentes (51,4%) e 48,6% na elaboração e execução das actividades. Os tipos de actividades com índice de participação mais elevado estão ligados ao *Rancho*: acções/eventos de divulgação cultural (45,7%); como elemento do *Rancho* (34,3%). Registam valores semelhantes nas mulheres e nos homens.

#### URTIARDA

69,2% dos inquiridos já participaram nas actividades, na maioria homens (53,8%). A participação das mulheres apresenta valores muito menores (15,4%), o que se explica dado a maior parte dos associados serem do sexo masculino.

Convém referir que estes dados foram obtidos através do questionário aplicado aos associados e a pergunta filtro refere apenas se já participou alguma vez.

### II- A observação participante e os documentos

Confrontados estes dados com os recolhidos durante a observação participante e na pesquisa dos documentos das associações, verificamos um acentuado enviesamento. No caso das reuniões da Assembleia Geral nunca presenciamos a participação de mais de 45 associados em nenhuma das associações, mesmo nos actos eleitorais. Por esse motivo os Regulamentos Internos prevêem a possibilidade das Assembleias Gerais se poderem realizar com menos de metade dos associados presentes, após algum tempo depois da hora marcada e, invariavelmente, pudemos constatar, é isso que acontece. No mesmo sentido o confronto público de ideias é raro nas Assembleias; quando há confronto resvala-se para a fulanização. São também vulgares as tensões e conflitos pessoais no seio do *Rancho*; as pessoas transportam para o grupo problemas pessoais, não raro entre famílias. Quando se discorda da Direcção é por causa deste ou daquele dirigente, poucas são as críticas públicas às actividades programadas e executadas. Os que defendem a mudança da Direcção no C. E. de Moldes (no questionário 2 inquiridos são dessa opinião) não o fazem nas Assembleias Gerais, nem apresentam listas às eleições. Num dos últimos actos eleitorais um grupo de associados, quase todos ligados à mesma família, andaram de casa em casa a tentar formar uma lista de candidatos. De acordo com os nossos interlocutores a lista fez-se mas, ao ver que alguns elementos da Direcção cessante voltavam a ser candidatos, desistiram.

Por outro lado há, de facto, actividades que conseguem mobilizar um elevado número de associados: no C. E. de Moldes é o Festival Internacional de Folclore de Arouca; na UrtiArda são as limpezas do rio Urtigosa e as exposições. Além destas há as ceias de natal de cada associação na qual participam a maioria dos associados. Por último devemos referir o facto de, muitas vezes, nem todos os titulares dos Órgãos Sociais participarem na preparação e execução das actividades, nem estarem disponíveis para colaborarem nas tarefas de funcionamento quotidiano das associações. À excepção de meia dúzia de pessoas em cada associação, sempre os mesmos, a participação é esporádica e concentra-se nas actividades já indicadas.

## O financiamento das associações

### C. E. DE MOLDES

33,3% dos associados são da opinião que o financiamento é assegurado por receitas próprias; 12,8% julgam que é assegurado pela administração pública; 41% referem as receitas próprias e **Erro! A referência da hiperligação não é válida.** as parcerias com outras entidades; 9% dizem não saber; 3,8% não respondem.

64,1% declaram ter as quotas em dia, o que é verdade e resulta do facto da Direcção ter proposto em Assembleia Geral uma alteração ao Regulamento Interno, e ter sido aceite, de forma a obrigar os associados a pagarem as quotas e se o não fizessem num curto espaço de tempo correriam o risco de serem expulsos. Nessa altura a maioria efectuou os pagamentos em atraso, havendo casos de pessoas que saldaram dívidas correspondentes a vários anos.

O financiamento é de facto proveniente de receitas próprias, quotas pagas pelos associados (0,25 euros/mês), receitas do Festival, actuações do *Rancho* e produto da venda de discos ("Cantas e Cramóis") e revistas ("Rurália") publicados pela associação; da atribuição de subsídios pela administração pública (C. M. De Arouca; J. F. de Moldes; I. P. J.; Inatel); de parcerias com outras entidades (associações locais e empresas). No entanto verificamos que o financiamento é um problema pois não se consegue prever atempadamente a sua captação, o que obriga a ajustamentos constantes do Plano Anual de Actividades, sendo a opção mais recorrente a de não se realizarem algumas das acções previstas. Por outro lado as empresas locais não cultivam o hábito de financiar actividades associativas.

### URTIARDA

51,3% indicam o auto financiamento; 33,3% referem as receitas próprias e as parcerias com outras entidades; 2,6% atribuem o financiamento à administração pública; 9% não sabem; 3,8% não respondem.

67% dos associados declaram ter as quotas em dia, o que corresponde à realidade pois, por norma a Direcção procede à sua cobrança, todos os anos, durante a ceia de natal, quando a maior parte dos associados estão reunidos.

O modelo de financiamento é semelhante ao referido para o C. E. de Moldes, só que em vez da J. F. de Moldes é a J. F. de Rôssas, o Inatel é substituído pelo Ministério do Ambiente. A UrtiArda tem enviado projectos a vários concursos. As receitas próprias são provenientes das quotas (0,50 euros/mês) e da parte que lhe cabe do total obtido com as licenças de pesca na concessão de pesca desportiva do rio Urtigosa. Em 2002 um desses projectos foi galardoado com o Prémio Ford para o Ambiente, na categoria de Projectos para a Educação Ambiental de Jovens e Crianças. Além do reconhecimento, a nível nacional, da validade do seu trabalho, recebeu 5000 euros que, na altura, se traduziu por uma saudável autonomia financeira.

A administração pública financia os projectos de forma pouco clara e transparente. Não se conhecem bem os critérios de selecção nem há continuidade de políticas que permita uma gestão a médio prazo. Os dinheiros chegam tarde e depois de terem sido gastos na execução das actividades. Não há uma política fiscal de apoio às associações. A existência de fuga ao fisco por parte das médias empresas não favorece as parcerias com o sector privado. No caso de Arouca para se obter a comparticipação de uma empresa é preciso pedinchar e voltar a pedinchar ao seu responsável ou proprietário.

## Conclusão

A impressão inicial de alguém que tente avaliar o universo associativo em Arouca a partir dos dados da Federação das Associações Juvenis do Distrito de Aveiro (FADJA), sediada em Arouca; Federação das Associações do Município de Arouca (FAMA) ou do portal aroucanet, é de admiração. Num concelho com 24233 habitantes há mais de 50 associações, formalmente constituídas. Em Rôssas, com 1693 habitantes, há, pelo menos, 7 associações. Pensaria estar na presença de um *viveiro* de participação cívica, a tal “cidade das associações” de que fala Puig (1994). Há também confrarias e irmandades; subsistem estruturas comunitárias informais, moinhos de consortes, regos de vezeiras. A nossa pesquisa não partilha essa perspectiva. O elevado número de associações não tem correspondência ao nível da participação cívica. As associações por nós estudadas apresentam valores acima da média das associações do concelho em termos de frequência e qualidade de participação. E isto porque grande parte das associações têm um ritmo de actividade ou intermitente ou não estão activas. A consulta sistemática da imprensa local comprova-o: uma dúzia de associações divulga regularmente actividades, incluindo os jogos do Futebol Clube de Arouca (1253 associados). Estas incluem torneios de futebol; campeonatos de *sueca* (jogo de cartas); jogos ditos tradicionais (malha); concursos de moda e de *karaok*; desportos motorizados; acções de prevenção rodoviária; teatro; música; formação profissional; exposições; conferências e debates. Durante um ano fomos tentando estar presente em todas as actividades, perdemos algumas, poucas. Os eventos mais participados, com mais público, são os espectáculos, os menos participados são as conferências e debates. A participação é passiva e gratuita, salvo raras excepções nos dois sentidos. As pessoas vão às actividades como público, são poucos e sempre os mesmos, a contribuir para a execução das actividades, em todas as associações. É raro as actividades serem pagas. Quando isso acontece há logo quem reclame, dizendo que a Câmara ou outra entidade já pagou.

No C. E. de Moldes, porque tem um *Rancho* em actividade, há pelo menos 30/40 pessoas em actividade ao longo de todo o ano (no inverno há actuações de cramóis e as “Jornadas da Terra”, entre outras mais esporádicas). No caso da UrtiArda são as limpezas de rio, duas por ano, que mobilizam mais associados. Num caso e noutro há um círculo reduzido de pessoas que estão sistematicamente nos processos de decisão e na elaboração de projectos, por manifesto desinteresse da maioria. Como refere um dos entrevistados “ poucos querem ser presidente, nem sequer é remunerado”. A elaboração de projectos, em especial quando se pretende estabelecer financiamento público implica um certo nível de conhecimentos técnicos e processuais que nem todos possuem. Por outro lado exige grande disponibilidade pessoal. O associativismo moderno pressupõe autonomia pessoal, capacidade para decidir em liberdade e de reconhecer o outro. Na nossa pesquisa observamos sinais de persistência de antigas formas de sociabilidade fundidas nas práticas associativas. As relações sociais ainda dependem muito da proximidade física entre os intervenientes. Já não há a total diluição do indivíduo no colectivo, característico das comunidades pré-modernas, mas também não há solidariedade mecânica, característica das sociedades modernas. “Faz bem mas vê a quem” ainda é o princípio que norteia a ajuda. O associativismo local não consegue ser um espaço de exercício da cidadania, antes reproduz elementos da cultura rural (a coesão social da família alargada; a solidariedade orgânica; a resistência ao outro; a anulação do indivíduo) e incorpora elementos da cultura urbana (o altruísmo; a autonomia individual; o reconhecimento do outro; a solidariedade mecânica), num lento e esquivo processo de mudança. Ao integrar novos associados, sem ligação prévia às redes sociais preexistentes, com origem na família alargada, e que aderem devido ao interesse pessoal pela área de intervenção, ao promover o contacto dos associados com outras culturas e outras formas de proceder abre-se um pouco a porta à transformação das mentalidades.

## ***Bibliografia***

ANDER-EGG, Ezequiel (1993), *Metodología y Práctica del Desarrollo de la Comunidad*, Buenos Aires, Editorial Hvmánitas

ANICO, M.- PERALTA, E. (2004) in “As Políticas Culturais Autárquicas num Contexto de Glocalização: Processos e Dinâmicas do Património em Ílhavo e Loures”, Comunicação Apresentada no VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra

BOAS, F. (1897), *The Social Organization of the Kwakiutl Indians. Based on Personal Observations and Notes Made by George Hunt*, Washington, DC, The National Museum

BRANDÃO, A. A. (1998), *Memórias de um Arouquense*, Lisboa, Edição do Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Coleção “Ambientes Sociais”, Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

BURGESS, Robert G. (2001), *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras, Celta Editora

CERTEAU, M. (1980), *L’Invention du Quotidien. Arts de Faire*, Paris, UGE

COHEN, A. P. (1985), *The Symbolic Construction of Community*, London, Tavistock

COIMBRA, A. F. (Coordenação) (2004), *O Associativismo em Fafe*, Fafe, Edição da Câmara Municipal de Fafe

FERNANDES, António Teixeira (2002), *Memória e Identidade em Comunidade Autárquica*, Edição da Câmara Municipal de Arouca

FERNANDES, Ernesto (2003), “O Associativismo no Tempo da Globalização: Voluntariado e Cidadania Democrática”, in *Intervenção Social*, Volume 27: 159-190, Lisboa, Cooperativa de Ensino Superior de Intervenção Social, CRL

FIDÉLIS, T.; FIGUEIREDO, E. (2003), “Movimentos Ambientais de Raiz Popular em Portugal (1974-1994)”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 65: 151-173, Coimbra, Centro de Estudos Sociais

FRANKENBERG, R. (1966), *Communities in Britain*, Harmondsworth, Penguin

FROUFE, S.- Sánchez, M<sup>a</sup>. A. (1991), *Planificación e Intervención Socioeducativa*, Salamanca, Amarú Ediciones

FROUFE, S.- Sánchez, M<sup>a</sup>. A. (1995), *Para Comprender La Animacion Sociocultural*, Navarra, Editorial Verbo Divino

GIDDENS, A. (1992), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora

GIDDENS, A. (2000), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença

HARRIS, M. (1993), *Culture, People, Nature: An Introduction to General Anthropology*, 6<sup>a</sup> edição, New York, Harper Collins College Publishers

IDÁÑEZ, M. J. A. (1994), *La Acción Social a Nivel Municipal*, Buenos Aires, Editorial Lumen



- LOWIE, R. H. (1912), "Social life of the Crow Indians", in *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, IX, 179-248
- LOWIE, R. H. (1913), "Societies of the Crow, Hidatsa and Mandan Indians", in *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, XI: 145-358
- LOWIE, R. H. (1916), "Plans Indian Age-Societies: Historical and Comparative Summary", in *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, XI: 887-984
- LOWIE, R. H. (1920), *Primitive Society*, Nova Iorque, Horace Liveright
- MARCHIONI, M. (1989), *Planificación Social y Organización de la Comunidad*, Madrid, Editorial Popular
- MINAR, D. and Greer, S. (1969), *The Concept of Community*, Chicago, Aldine
- MOREIRA, Carlos Diogo (1988), "A Estratégia e a Cooperação em Meio Rural", in *Separata da Revista do I. S. C. S. P.*, U. T. L., Vol. 3-4, Lisboa
- MOREIRA, Carlos Diogo (1994), *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa
- PEREIRA, Inês (2002), "Identidades em Rede – Construção Identitária e Movimento Associativo", in *Sociologia: Problemas e Práticas, Revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*, Número 40: 107-121, Oeiras, Celta Editora
- PEREIRA, V. (1959), *Cancioneiro de Arouca*, Porto, Edição Junta de Província de Douro Litoral, XVIII Comissão de Etnografia e História
- PORTELA, J. (1999), "O Meio Rural em Portugal: Entre o Ontem e o Amanhã", in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Volume 39 (1-2): 27-65, Porto, Edição da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
- PUIG, Toni (1994), *La Ciudad de las Asociaciones*, Madrid, Editorial Popular, S. A.
- REDFIELD, R. (1960), *The Little Community and Peasant Society and Culture*, Chicago, University of Chicago Press
- SANTO, M. E. (1999), *Comunidade rural ao Norte do Tejo, seguido de, Vinte Anos Depois*, Edição da Associação de Estudos Rurais, Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- SOROMENHO-MARQUES, V. (1998), *O Futuro Frágil: os Desafios da Crise Global do Ambiente*, Mem Martins, Publicações Europa-América
- TOCQUEVILLE, A. (s/d), *Da Democracia na América*, Porto, Rés Editora
- TYLOR, E. B. (1871), *Primitive Culture: Researcher into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom*, London, J. Murray
- VASCONCELOS, J. (2001), "Estéticas e Políticas do Folclore", in *Análise Social*, Volume XXXVI, Números 158-159: 399-433
- VICHÉ, M. (1991), *Animación, Sistema de Comunicación*, Valencia, Grup Dissabte
- WARNER, W. L. (1941), "Social Anthropology and the Modern Community", in *American Journal of Sociology*, Vol. 46: 785-796, U.S.A.